



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

TEORIA E PRÁTICA DOS PRINCÍPIOS EDUCATIVOS DO MST EM UMA ESCOLA DE ASSENTAMENTO DE VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

Vanusa Ruas Freire Viana*

(UESB)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma pesquisa em desenvolvimento em uma escola de assentamento de Vitória da Conquista - BA, a fim de concluir se as crianças pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - "(MST)" que lá estudam tem sido realmente educadas para permanecer no campo e dar continuidade ao processo de luta pela Reforma Agrária e por uma sociedade mais justa, visto que o crescente desenvolvimento e influência do capitalismo nas escolas rurais têm provocado nas crianças, homens e mulheres do campo o desejo de sair do mesmo em busca de melhorias de vida. Assim sendo, esta pesquisa pretende esclarecer se a escola do MST tem atingido os objetivos a que se pretende, tentando estabelecer relações entre a teoria e prática dos princípios educativos que regem a formação dos militantes do movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. MST. Princípios

Foi por meio da disciplina Educação no Meio Rural que pela primeira vez tive contato com uma escola de assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - (MST), onde surgiu desde então o interesse pela pesquisa em questão, passando assim a realizar as minhas primeiras leituras sobre as práticas educativas desenvolvidas

* Graduada do VI Semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista de Extensão da Universidade do Estado da Bahia no Projeto de Complementação do Ensino Fundamental dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE/CEF - UNEB). E-mail: nusafreire@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

pelo movimento. Foi também através dessas leituras que identifiquei dentro do movimento a existência de uma proposta própria de educação que ainda se encontra em construção, mas que já revela objetivos claros de uma escola “diferente” e que seja uma escola que incentive e fortaleça os valores do trabalho, da solidariedade, do companheirismo, da responsabilidade e do amor à causa do povo. Uma escola que tenha como objetivo um novo homem e uma nova mulher, para uma nova sociedade e um novo mundo. (NETO, 1999: 78).

Apesar das escolas do MST objetivarem uma formação de cooperação, amor a terra e à causa do povo, pude constatar, ainda em minha primeira visita a escola, e por meio de conversas com as crianças, que uma boa parte delas, apesar de serem assentadas, possuem o desejo de sair do campo e construir um futuro na cidade. Assim levando em consideração que há poucos registros de pesquisa sobre a educação do MST em nossa região, e que este estudo possa contribuir para estabelecer relações entre a teoria e a prática dos princípios educativos estabelecidos pelo movimento, pretendo com este trabalho compreender e refletir a validade de tais princípios analisando uma escola do Assentamento Amaralina a fim de perceber se esta tem realmente conseguido formar militantes que sejam capazes de permanecer no campo e defender com amor as causas da terra e do povo com qual convive e analisar de que forma a escola realiza as atividades práticas, com o objetivo de concluir se a escola tem estimulado uma educação voltada para o trabalho e promovido o sentimento de pertencimento à terra conquistada e o interesse pelas atividades desenvolvidas dentro do assentamento.

A educação sempre foi questão em destaque no processo de construção e desenvolvimento da sociedade brasileira, não pelo seu valor e importância, mas pela forma como sempre foi desmerecida pelos órgãos e autoridades que a ela estão relacionados, e também, por ser um tema nunca solucionado por completo quanto aos seus problemas e perspectivas. Com características dominantes, desde a sua implantação no Brasil, a educação mesmo após 500 anos, ainda é oferecida de forma



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

precária, mantendo os interesses de uma classe sobre as outras. A cultura imposta pela nossa sociedade, desde a sua origem, quando ainda éramos colônia de Portugal, nos impossibilita de agir sobre a nossa própria realidade, inculcando-nos uma conformidade do “porque aqui é assim” (CORTELLA, 1999). Sempre tivemos uma educação de conformidade e aceitação do que é imposto por quem está no poder, e é justamente por isso, que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra está reinventando uma nova forma de educar, que deve indispensavelmente ultrapassar os interesses de classe e atingir uma consciência de solidariedade, cooperação e principalmente de transformação da sociedade na qual estão inseridos.

Em síntese trata-se de considerar, com força na discussão, a importância de romper com a mentalidade de povo colonizado, para que se possam tomar as decisões ou fazer as escolhas necessárias à construção de uma nova concepção de desenvolvimento, que traga de volta, ao mesmo tempo, a idéia de Nação e os ideais de justiça social, de solidariedade, de igualdade e de participação do povo como sujeito de seu próprio destino (CALDART, 2004: 59).

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, desde a sua fundação em 1984, sempre foi um movimento muito ignorado por uma grande parte da nossa sociedade. Isto ocorre, porque os integrantes do MST têm um jeito peculiar de se relacionar com o mundo e com os problemas que surgem dentro e fora do movimento. Foi justamente a incorporação desta postura diferenciada, que os tornaram seres produtores da própria identidade e cultura. Uma identidade e uma cultura ainda em construção, mas que já demonstra traços marcantes de autonomia, liberdade, organização coletiva e principalmente de luta por um amplo processo de reforma agrária, que de acordo com o MST “somente se realizará na totalidade em um sistema socialista” (BOGO, 2000: 59).

A postura diferenciada aqui referida está intimamente relacionada com o modo de vida, ocupação de terras, organização entre seus membros, e principalmente com o modo de educar do MST, que passou a perceber que lutar pela conquista da terra era



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

importante, mas não era o bastante. [...] A continuidade da luta exigia conhecimento para lidar com assuntos práticos, como financiamentos bancários e aplicação de tecnologias, quanto para compreender a conjuntura política, econômica e social. Arma de duplo alcance para os sem-terra e os assentados, a educação tornou-se prioridade no Movimento (MORISSAWA, 2001: 239). Ainda de acordo com os princípios do próprio movimento, a educação não está vinculada unicamente à transmissão de crenças e valores, mas essencialmente, à possibilidade de mudança do espaço em que vivem e das relações que são estabelecidas em nossa sociedade. A respeito disso (FREIRE, 1996: 46) afirma que é necessário ao educador “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Esta forma diferenciada de lutar pelos seus ideais, o tornou conhecido na mídia como um movimento de invasores, ameaçadores da ordem e da segurança pública, quando estes afirmam estar apenas lutando por pedaços de terras improdutivas e que ficam resguardadas nas mãos dos grandes latifundiários. O MST acredita que a mídia desde então, aliada ao poder dominante, tem passado uma imagem distorcida da realidade com o objetivo de desmoralizar subliminamente o MST frente ao conjunto da população brasileira. É lógico que para o MST, estes órgãos apenas revelam a defesa dos interesses dos latifundiários do país, mas para a desinformada maioria da população brasileira o que fica registrado é o contrário (OLIVEIRA, 1996: 46).

Um Novo Método para uma Escola Alternativa

Desta maneira, juntamente com a sua cultura e ideologia, a educação oferecida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem terra também é alvo de muitas críticas, pois no contexto do movimento, a educação não é pensada como transferência mecânica de conhecimentos vazios que, não são capazes de transformar as relações sociais entre subordinadores e subordinados e sim, como uma educação que por meio de um ato



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

reflexivo, contemple sua realidade, subjetividade, espaços de vivências e resolução dos seus problemas mais emergentes, criando então laços de amor e pertencimento a terra na qual residem. Assim, a incorporação de um método educativo condizente com os objetivos propostos pelo movimento, tem procurado atender a todos os envolvidos, inclusive aos filhos e filhas dos Sem Terra que antes se viam obrigados a abandonar a escola para acompanhar os pais na luta pela própria sobrevivência. Tendo a educação como a principal via de transformação social o MST criou então as Escolas Itinerantes, para que estas crianças não mais abandonassem as escolas e sim que pudessem andar juntas com ela, tornando-se parte integrante do seu processo de construção a cada nova caminhada.

As Escolas Itinerantes tem extrema importância no processo de construção do conhecimento dos Sem-terrinhos, pois os acompanham quando as famílias ainda estão em fase de acampamento. Este processo começou a ocorrer desde novembro de 1996 quando a escola foi legalizada. Quando estas famílias decidem se deslocar para uma outra área a Escola Itinerante, que funciona em uma barraca de lona normalmente é a primeira a ser desmontada e a primeira a ser erguida no novo acampamento. Educação é prioridade e por isso as crianças estão lá no acampamento junto de seus pais e, já não aceitam mais ficar fora da escola e nem seus pais aceitam ver seus filhos sem estudar, pois entenderam que é melhor ter 4 anos de escola do que nenhum e, se possível, é bom ter 8 anos ou mais. E estando na escola exigem saber de tudo, inclusive construir o seu barraco na prática, e a fugir dos conteúdos fora da realidade (COLETIVO MST, 1998: 9).

Além desse novo método de ensino nessa escola alternativa do MST, o movimento vem buscando modificar a prática de ensino nas escolas de assentamento. Na construção dessa escola “diferente” e que leva em consideração os ideais do movimento, existe para o mesmo, um elemento básico que alicerça tal construção: “a formação de seu próprio quadro de professores”. “Nenhuma organização tem futuro se não formar os seus próprios quadros em todas as frentes do conhecimento humano”



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

(STEDILI, 2005: 75), pois o que aponta a maioria dos documentos já existentes sobre tal abordagem, é que junto ao surgimento das primeiras escolas de assentamento vieram os professores da zona urbana, que não conheciam a realidade local e tão pouco se envolviam com os problemas da comunidade, tornando assim, as escolas de assentamento em extensões das escolas urbanas. Desde então, o Setor de Educação do MST tem se empenhado em formar seus próprios professores através de uma escola “diferente”, integrada ao assentamento e ao mesmo tempo lugar de estudo e trabalho, em que os alunos aprendam a organizar-se e participem democraticamente, tendo por objetivo formar militantes que dêem continuidade à sua luta, “sujeitos de práxis”, dotados de clareza de objetivos, consciência organizativa, conhecimento teórico e competência prática (NETO, 1999: 50).

De acordo com o MST, os modelos urbanizadores de educação que são transplantados para as escolas do campo, têm promovido em grande parte o êxodo rural, pois, através de seus conteúdos, apresentam a cidade como a única via de desenvolvimento tecnológico e social. A respeito disso (NETO, 1999: 48) afirma que: com relação ao conteúdo ensinado nas escolas rurais sem nenhuma adequação para o campo, o MST entende que, da maneira como está sendo feito, ele contribui para acelerar o êxodo rural, ao fantasiar uma realidade considerada bem mais atraente que a realidade do meio rural. Além disso, o conteúdo trabalhado costuma mostrar os benefícios existentes na cidade que não são levados ao campo.

Interpretando as concepções do MST sobre educação podemos perceber que o movimento acredita que não basta apenas saber sobre a realidade, mas principalmente, saber como agir sobre ela tomando sempre como direção o contexto no qual estão inseridos e os valores que acreditam e preservam. A criança precisa aprender em um contexto que a faça sentir prazer em aprender e que traga elementos que possam relacionar com as experiências já vividas. Assim, se tornará mais interessante praticar, falar e debater sobre aquilo que está ao seu alcance, sobre a sua história de vida ou



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

sobre aquilo que deseja ser do que acreditar que tudo é melhor mais grandioso quando se vive na cidade.

O Exercício da Mística como Princípio Educativo

Na tentativa de evitar esse poder de atração da cidade sobre o campo, o MST busca por meio de uma educação vinculada ao trabalho, promover o gosto pelas atividades desenvolvidas dentro dos assentamentos tendo como principal aliada nesse processo o exercício da Mística que para o MST é a alma dos lutadores do povo; o sentimento materializado em símbolos que ajuda as pessoas a manterem a utopia coletiva. No MST a mística é uma das dimensões básicas do processo educativo dos Sem Terra. A escola pode ajudar a cultivar a mística, os símbolos e o sentimento de fazer parte dessa luta. Não fará isso se não compreender o desafio pedagógico que tem diante da afirmação de uma criança de acampamento ou assentamento que diz: sou Sem Terrinha, sou filha da luta pela terra e do MST! (CALDART, 2004: 117).

A Mística não tem um momento específico ou especial, a sua prática deve ser parte integrante da vida das pessoas independente do espaço de celebração que pode ser no acampamento, assentamento, escolas, em casa ou com as visitas. Mas, nesse processo é essencialmente importante o trabalho da escola em incentivar esse desejo de viver e ver um dia melhor e mais justo, onde as pessoas se respeitem e respeite a diversidade, a dignidade e a unidade de um sistema político que preserve os interesses coletivos de sua população. Ao relatar os momentos que são vivificados pela mística um integrante do MST afirma que: Nas lutas sociais existem momentos de repressão que parecem ser o fim de tudo. Mas, aos poucos, como se uma energia misteriosa tocasse cada um, lentamente as coisas vão se colocando novamente e a luta recomeça com maior força. Essa energia que nos anima a seguir em frente é que chamamos de 'mistério' ou



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

'mística'. Sempre que algo se move em direção ao ser humano para torna-lo mais humano aí está se manifestando a mística (MORISSAWA, 2001: 209).

Para o Setor de Educação do MST, o trabalho da Escola é participar deste processo. Refletir com as crianças. Ex.: explicar o porquê das ações. Trabalhar com elas o sentimento de medo, de revolta, mas, também de conquista, de entusiasmo e de aventura que vivem. E, principalmente nos Assentamentos, onde a vida fica mais estável, não deixar que morram estas lições de luta (SETOR DE EDUCAÇÃO DO MST, 1992: 47). Por tanto, dentro do contexto educacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, "a Escola que não trabalhe esta dimensão da educação estará sem um dos seus pilares, e por isso sua estrutura será frágil" (SETOR DE EDUCAÇÃO DO MST, 1992: 47). Assim, a fim de testar essa possível fragilidade e partindo-se do princípio que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é um dos movimentos que mais vem se destacando e ganhando adeptos nos últimos anos, principalmente pela sua atuação que pretende uma ampla transformação social e uma efetiva ampliação da Reforma Agrária no Brasil, e levando em consideração que a proposta de educação do MST visa a formação de militantes que estejam aptos ao exercício da luta pela terra, por melhorias da mesma e pela permanência do homem do campo, se contrapondo aos modelos urbanizadores que cerceiam as escolas rurais, procuro então por meio dessa pesquisa com direção, alunos e professores de uma escola de assentamento de Vitória da Conquista - BA responder ao seguinte questionamento: "A escola tem conseguido despertar nas crianças do assentamento, o sentimento de amor e pertença à terra conquistada e o interesse pelas atividades desenvolvidas dentro do assentamento?" Após a coleta de dados pretende-se perceber as relações entre os princípios educativos defendidos pelo MST e a prática educacional realizada dentro do assentamento; verificar se a escola estimula atividades práticas que valorizam os valores da escola e do trabalho e se as crianças do assentamento em questão manifestam sentimento de amor pela condição de serem sem-terrinhas.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Dentro desta perspectiva a presente pesquisa se caracterizará por uma abordagem qualitativa com enfoque dialético uma vez que pretende “conhecer (através das percepções, reflexão e intuição) a realidade”, para quem sabe poder transformá-la por meio dos resultados e informações obtidas, transformadas e devolvidas para a população analisada. Após uma breve exploração do objeto e leituras preliminares, levantou-se o problema de pesquisa que teve inicialmente como procedimento de investigação a observação das atividades desenvolvidas na escola sempre realizadas com dia e hora marcados e posteriores registros e descrições. Desde então foram feitas a elaboração e realização de entrevistas com professores e direção e elaboração e aplicação de questionário com os alunos da escola. Os resultados ainda se encontram em análise. O nome da escola não foi apresentado a fim de preservar os sujeitos nela inseridos quando os resultados forem concluídos.

Esta Escola atende cerca de 60 crianças que freqüentam as séries iniciais do Ensino Fundamental, das quais pretende-se investigar 24 que se subdividirão em grupos de seis estudantes, sendo cada um desses grupos correspondentes diretos a cada uma das séries iniciais do referente curso e suas respectivas professoras que somadas representam um número de quatro. O critério de seleção das crianças deve ter como único pré-requisito ser assentado do MST e aceitar fazer parte das entrevistas, uma vez que a escola também atende alunos que não são integrantes do movimento, mas que freqüentam a escola por ser esta a mais próxima de onde residem. O instrumental de análise pretende interpretar e procurar respostas para o problema em questão.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel Gonzáles; CALDART, Roseli Salet; MOLINA, Mônica Castangna. Por uma educação do campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BOGO, Ademar. O MST e a cultura. 2. ed. ITERRA, 2000. (Caderno de formação nº 34).
- CALDART, Roseli Saleti. Pedagogia do Movimento Sem Terra. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- CORTELLA, Sergio. A reinvenção do humano. Excertos sobre Educação 1999.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. (Coleção Leitura).
- MORISSAWA, Mitsue. A história da luta pela terra e o MST. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- NETO, Luiz Bezerra. Sem-terra aprende e ensina: estudo sobre as práticas educativas do movimento dos trabalhadores rurais. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. (Coleção Polêmicas de nosso tempo).
- MST, Coletivo Nacional de Educação da Escola Itinerante: uma prática pedagógica em acampamentos. Coleção Fazendo Escola: Volume 4. Rio Grande do Sul: Coletivo Nacional de Educação do MST, 1998.
- MST, Setor de Educação do. Como deve ser uma escola de assentamento. In: Dossiê MST Escola: documentos e estudos 1990 -2001. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- STEDILI, João Pedro; FERNANDES, MANÇANO, Bernardo. A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. 3. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.
- VIEIRA, Leociléia Aparecida. Projeto de pesquisa e monografia: O que é? Como se faz? Normas da ABNT.